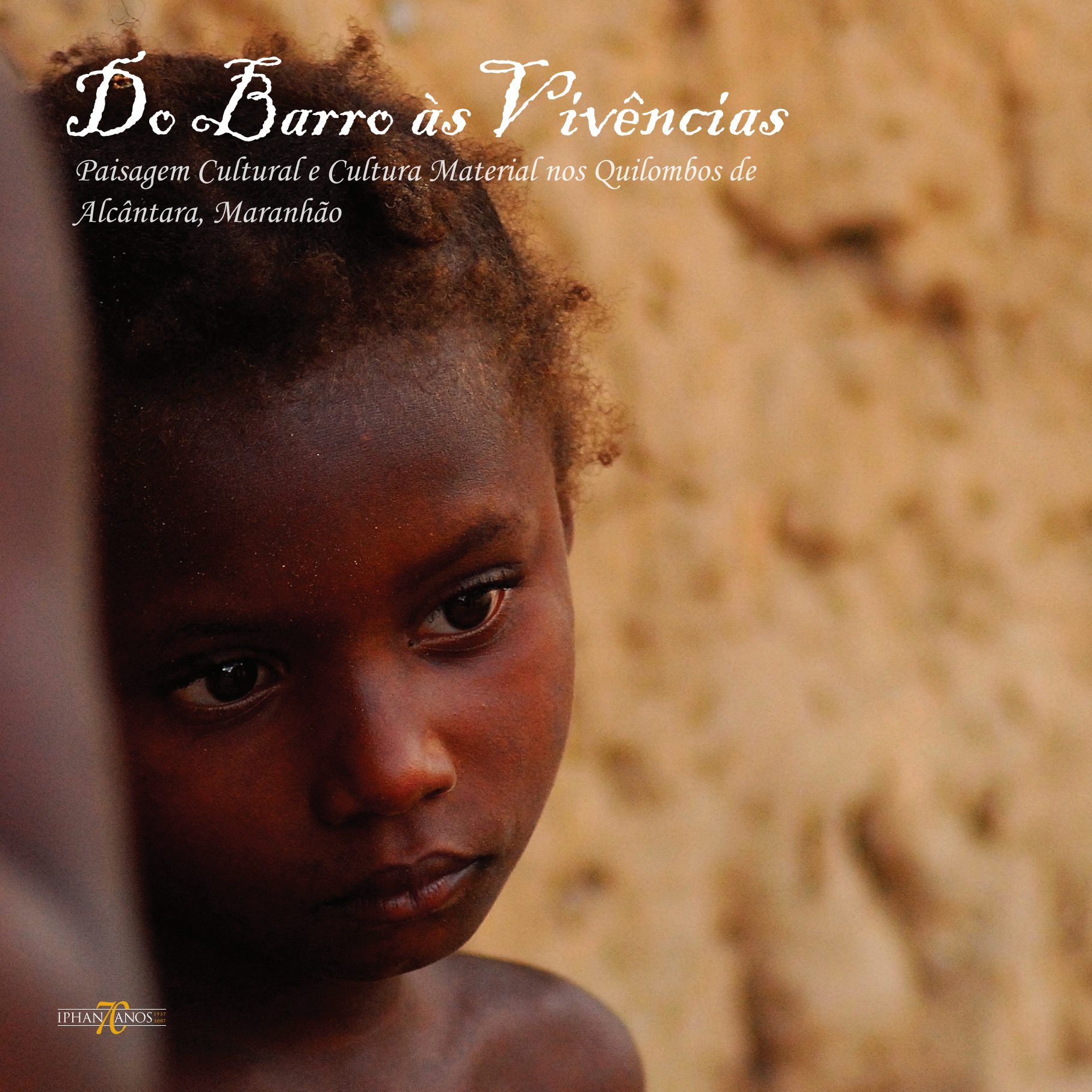


Do Barro às Vivências

Paisagem Cultural e Cultura Material nos Quilombos de Alcântara, Maranhão

IPHAN 70 ANOS 1937 2007

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Gil Moreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida

Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais
José Nascimento Júnior

Superintendente da 3ª SR/Iphan
Kátia Santos Bogéa

Chefe da Divisão Técnica
Pedro Paulo Rocha

Chefe da Divisão Administrativa
Fernando Beliche

Chefe do Escritório Técnico de Alcântara
José Ribamar Santos Linhares

Diretora do Museu Casa Histórica de Alcântara
Karina Waleska Scanavino

apoio: SEBRAE Alcântara

realização: IPHAN Ministério da Cultura BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

Ficha Técnica da Exposição:

Curadoria
Ivo Barreto

Pesquisa e textos
Ivo Barreto
Rodrigo Martins Ramassote

Pesquisa de Campo
Fátima Diniz Ferreira
Ivo Barreto
Rodrigo Martins Ramassote

Revisão dos textos
Rodrigo Martins Ramassote
Izaurina Nunes

Design da mostra
Ivo Barreto

Design Gráfico
Natália Rossi

Produção e montagem
Edgar Rocha
Nael Reis

Fotografias
Edgar Rocha

Colaboração
Hildenê Maia

Promoção
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/MA.

Apoio
Instituto Sebrae/MA
Prefeitura de Alcântara

Do Barro às Vivências

Paisagem Cultural e Cultura Material nos Quilombos de Alcântara



Apresentação

Em 1948, quando a cidade de Alcântara foi erigida à monumento nacional por meio de um decreto presidencial, a atenção do país, de pronto, foi atraída pela singularidade do seu patrimônio histórico, arquitetônico e paisagístico. Logo em seguida foi tombada pelo IPHAN, que, desde então, vem desenvolvendo um trabalho permanente e dedicado de fiscalização, proteção, identificação, restauração, preservação e revitalização dos seus monumentos e bens integrados e móveis.

A realização da exposição *Do barro às vivências: Paisagem Cultural e Cultura Material nos quilombos de Alcântara* é um marco significativo na trajetória do Iphan no Maranhão. Significa uma importante mudança no foco da proteção ao patrimônio, no momento que passa a incorporar a dimensão imaterial dentro de uma perspectiva antropológica. Este, não é mais apenas o patrimônio constituído de bens materiais, da pedra e cal, do artístico e arquitetônico. É também o que diz respeito à dimensão humana, revelada em todos os gestos. Nesse sentido, a proteção e a promoção da dimensão imaterial do patrimônio, através da diversidade de conteúdos e expressões culturais, é estratégica para a construção da ordem democrática.

Com esta exposição, resultado de um trabalho de pesquisa multidisciplinar, queremos mostrar que o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural passa pela inclusão e promoção das referências culturais vinculadas a grupos étnicos afro-brasileiros e indígenas como parte integrante da identidade e do patrimônio cultural alcantarense. Nessa perspectiva abrangente, o conceito de patrimônio reconhece a diversidade cultural como direito de cidadania e base para o desenvolvimento sustentável da região.

Cada sociedade, grupo social ou indivíduo tem um conjunto de expressões singulares, que refletem um modo de viver próprio e um sistema de valores com os quais se constroem as diversas identidades. Elas, por sua vez, podem se reconhecer e se respeitar pelo diálogo e pelos intercâmbios

Bem-vindos então a esta experiência de troca.

Kátia Santos Bogéa
Superintendente do IPHAN/3ª SR/MA

Maranhão
Terra de Toques, Sabores e Magias

A cultura é mola propulsora, capaz de engendrar dinâmicas criativas, inovações, formas de representação capazes de modificar a base material do desenvolvimento e seus sistemas simbólicos, entendidos aqui como valores, crenças, conceitos, símbolos, representações, arquétipos, idéias e identidades. Neste contexto, e de acordo com a missão do SEBRAE (apoiar o desenvolvimento competitivo e sustentável das micro e pequenas empresas e fomentar o empreendedorismo), a Cultura se apresenta não apenas como essa dimensão essencial do desenvolvimento, mas como um conjunto de recursos ativos a serem mobilizados e transformados em empreendimentos e negócios, fonte fundamental para difundir os diferenciais estratégicos de um território.

Reconhecendo vocações, valorizando a capacidade criativa e o talento empreendedor do maranhense ao máximo, o SEBRAE atua no município de Alcântara buscando fortalecer a identidade local e a competitividade dos produtos e serviços culturais, apoiando e fortalecendo grupos e a governança, incentivando o empreendedorismo e estabelecendo parcerias para impulsionar o setor criativo e diversificar a economia e os mercados ligados à cultura.

As fantasias e os sonhos são, portanto, as possibilidades e fonte inspiradora de encantar, entreter, informar, satisfazer as novas necessidades dos consumidores do terceiro milênio, transformando a criação em pequenos negócios sustentáveis, como a Exposição *Do barro às vivências: Paisagem Cultural e Cultura Material nos quilombos de Alcântara.*

Sebrae/MA.

Explosão de sentidos e texturas: o universo natural da vivência

A idéia de uma exposição sobre a cultura material dos quilombos em Alcântara nasceu da constatação da diversidade e, principalmente, da naturalidade com que diferentes técnicas e modos de fazer transformam, de maneira simples, eficiente e sustentável o que oferece o entorno natural aos povoados quilombolas do interior do município. Dessa relação nascem peças de uso diário, quase sempre relacionadas à lavoura ou aos afazeres domésticos e, mais recentemente, à uma incipiente demanda turística.

Reunir, de maneira sintética, o universo quilombola alcantarense em uma exposição foi, desde o início da montagem, um desafio. Foi necessário, para tanto, fazer um recorte no lençol cultural de matriz africana e indígena que envolve o município de forma a contemplar um rasgo significativo da vida no interior de Alcântara, na tentativa de demonstrar minimamente as mais variadas facetas da paisagem cultural aqui encontrada.

Dessa tentativa surge a metodologia de trabalho e, do desenvolvimento desta, se construiu – ou, melhor dizendo, se desconstruiu – a proposta temática da mostra. Desde meados de 2006, com o início de ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no interior de Alcântara, em sua maior parte relacionadas ao inventário de referências culturais ou à educação ambiental em parceria com instituições governamentais e não-governamentais, uma equipe multidisciplinar do IPHAN do Maranhão desenhou o que seria a proposta inicial de recorte territorial, apontando seis povoados onde se pensava realizar a pesquisa de campo que fomentaria a montagem da exposição. Este recorte se modificou substancialmente à medida que avançaram os trabalhos de elaboração do Plano Diretor Participativo de Alcântara, ao longo de 2006/2007, no qual merece o devido destaque a participação expressiva de comunidades quilombolas do interior.





Participando desde o início das discussões desse fórum popular que se propõe a abordar as características de Alcântara em toda a sua complexidade, suas mazelas e potencialidades, bem como deliberar, de maneira participativa, sobre propostas e diretrizes para o futuro sócio-urbanístico de todo o município, a equipe do IPHAN pôde, nesse contexto, estreitar o contato com a realidade de várias comunidades, conformando-se, assim, um momento singular na reformulação do então embrionário planejamento da pesquisa de campo. Por fim, o último momento de mutação da proposta aconteceu quando foram incorporados à equipe pesquisadores e colaboradores alcantarenses no processo final, e fundamental, de definição dos roteiros de viagem e de coleta de dados.

Após esse exercício de aproximação com o objeto de pesquisa, os seis destinos iniciais se ampliaram para quinze povoados quilombolas, necessariamente divididos em cinco "pólos" no interior, além da sede (área urbana) do município, que, por estar intimamente relacionada, do ponto de vista sócio-econômico e cultural, à zona rural, foi considerada indissociável nesse trabalho.

Essa abordagem se mostrou imprescindível para a compreensão territorial de Alcântara. Assim, no trabalho de campo foram entrevistados 33 artesãos, em sua grande maioria membros de estruturas familiares que repassam, de geração a geração, a arte aplicada ao cotidiano de suas atividades laborais e à sua vida em geral.

No total, mais de 40 artefatos foram pesquisados, muitos deles complexos, como é o caso da construção de barcos e da arquitetura vernácula ainda praticada no município. Outras peças foram incluídas à medida que avançavam as viagens de campo e intensificava-se a intimidade e relação de troca da equipe com o lugar, a ponto de se reconhecer, com certa facilidade, o valor de peças de simples engenho e solução, mas de forte presença plástica, ou que cristalizava em si um profundo conhecimento do meio. Todo esse universo foi registrado e, além de fundamentar este catálogo e a exposição, constitui importante dossiê disponível ao público em geral no Centro de Referência e Documentação do IPHAN no Maranhão.



Por fim, a montagem da exposição, ao final da pesquisa, apontava para algo mais elaborado do que se pensava. Percebeu-se que, uma vez retiradas de seu ambiente natural, as peças estudadas, muitas vezes, perdiam seu sentido ou não poderiam ser corretamente apreendidas pelo visitante. Dessa forma, optou-se por expor não apenas as peças sistematicamente, mas reconstruir, na medida do possível, as paisagens onde se inserem os processos produtivos encontrados. Apresenta-se, aqui, muito mais que uma mostra de artefatos artesanais arraigados na herança dada pelas matrizes africana e indígena à cultura brasileira. Trata-se, também, de uma tentativa de imersão na essência da vida dos quilombos de Alcântara, valorização de suas peculiaridades e fortalecimento de sua identidade.

Assim, numa organização lúdica, guiam o percurso desta mostra e de seu catálogo a riqueza dos materiais locais, ingredientes da beleza plástica de cada peça: a terra crua, a água abundante, o barro, a madeira, a palha, as sementes e, por fim, os sentimentos apreendidos nas viagens pelo interior e extraídos de relatos emocionantes e imprevisíveis, nos quais franqueou-se a privilegiada oportunidade de vivenciar a sabedoria popular e sua pujança desapegada – além da receptividade calorosa – sedimentadas após centenas de anos num território chamado Alcântara.



Paisagem Cultural e Formação Territorial de Alcântara

A formação territorial de um ambiente, seja ele rural ou urbano, segue, ao longo dos séculos, profundamente ancorada nos consecutivos e contínuos fatos históricos ali desenvolvidos e na interação das culturas que nesse espaço puseram sua força e criatividade no esforço da transformação e uso da terra, historicamente pano de fundo de migrações e conquistas. Em muitos casos sobressaem os períodos de apogeu econômico de dado local, aqui representado pelo Núcleo Histórico da cidade de Alcântara, cartão de visita da oligarquia agrária que explorava as terras dessa região por meio de fazendas, sobretudo nos séculos XVIII e XIX. Contudo, a análise territorial que aqui nos propomos fazer tem outro foco e não pretende ater-se à análise da formação do Núcleo Histórico, mas do território alcantarense, destacando suas povoações rurais e tendo em vista as mudanças significativas pelas quais essa área foi submetida, principalmente após a decadência econômica das fazendas do município. Na medida em que nos damos conta da profunda transformação sócio-cultural aqui empreendida pela presença da cultura africana e indígena, fica mais claro reconhecer a intensidade de sua repercussão no modo de vida das comunidades.

Segundo Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (Anjos, 2006), os séculos XVII e XVIII teriam sido marcados pela maior incidência da atividade do tráfico negreiro no Brasil. Segundo o autor, nesse período teriam se consolidado as rotas do trafico negreiro, abastecendo com escravos africanos mercados de regiões como Bahia, Pernambuco, Alagoas e Rio de Janeiro. Sobre o sistema escravista do Grão-Pará e Maranhão, relata que ainda durante o século XVII foram trazidas as primeiras levas de escravos da África para o trabalho compulsório nos engenhos de cana-de-açúcar. Contudo, é na segunda metade do século XVIII que o processo se enraíza nessa região, em função do ascendente crescimento das atividades agrárias das fazendas que formavam o atual território de Alcântara e adjacências, quando são importadas grandes quantidades de africanos para suprir a necessidade de mão-de-obra. Segundo Anjos, ao final de quase quatro séculos de tráfico humano, estima-se que tenha ultrapassado a casa dos 4 milhões (segundo dados oficiais, excetuando-se o tráfico clandestino) o número de seres humanos transportados da África para trabalhar como escravos no Brasil.

Entretanto, a exploração agrícola da região do Maranhão, apoiada na mão-de-obra escrava, foi tardia se comparada às áreas mais centrais do território brasileiro e aconteceu em um século de profundas transformações sociais, sofrendo conseqüências cada vez mais fortes desta instabilidade. Segundo Mattias Rohrig Assunção "a guerra de Independência do Maranhão [ocorrida na primeira metade do século XIX] inaugurou um período de instabilidade política [...]. Estas lutas envolveram em grau crescente as camadas livres pobres, contribuindo para o acirramento de conflitos, os quais facilitavam as fugas de escravos e a formação de quilombos" (Assunção, 1996: 442). A Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), somadas ao crescimento produtivo de nações concorrentes, selariam o período de declínio das atividades agrícolas das fazendas de Alcântara. O núcleo urbano, abandonado paulatinamente, perde por fim sua vitalidade e a cidade sua efervescência inicial.

Majoritariamente agrícola, o mosaico de fazendas que formavam a atual zona rural do município de Alcântara, acompanhando o movimento de esvaziamento populacional das classes abastadas, também iniciou um processo de desarticulação e abandono. Proprietários de terras alforriavam escravos, doavam a eles suas terras, vendiam-nas a outros interessados por preços irrisórios ou simplesmente abandonavam as fazendas, levando delas os bens móveis mais preciosos – como porcelanas, quadros etc. –, sem se preocupar com o futuro da região ou da massa de escravos e ex-escravos que nelas permaneciam, entendidos então como sem utilidade para os antigos proprietários.

É nesse cenário de convulsão sócio-política que o território de Alcântara passou por uma profunda transformação. As populações negras remanescentes do desmantelamento das fazendas da macro-região de Alcântara[1], iniciaram um processo lento e contínuo de reapropriação do território alcantarense, atribuindo a seus espaços novos valores e construindo uma nova organização social baseada na auto-suficiência e articulada na identidade étnica.

[1] Utiliza-se aqui o termo "Macro-Região" de forma a abranger não apenas a área do município de Alcântara, mas ainda seu entorno pois, sobre a formação dos quilombos no Maranhão, Mattias Rohrig Assunção afirma que rastreando anúncios de fugas de escravos em jornais do Império e correspondências policiais encontram-se relatos de migrações de levas populacionais de agrupamentos quilombolas maranhenses, em sua maioria ocasionada pelo conflito com o aparelho repressor do governo, o que pode esclarecer alguns pontos obscuros dos processos desencadeadores da formação e territorialização dos antigos quilombos. Dessa forma, como apontam as evidências históricas da pesquisa citada, os quilombos de Alcântara possivelmente não se originaram exclusivamente dos grupos habitantes das fazendas locais, mas provavelmente incorporaram um intercâmbio constante com as populações quilombolas circunvizinhas. O pesquisador comenta, ainda, que, dentre as principais razões da multiplicação dos quilombos nessa região do Maranhão, estão a geografia propícia, abundante em matas e águas, e a ineficiência das milícias oficiais de repressão aos mocambos.





Segundo Alfredo Wagner Berno de Almeida (Almeida, 2006. Vol. 1), a visão de Quilombo, outrora apoiada nos conceitos jurídicos coloniais, de finalidade nitidamente repressiva, hoje está ressemantizada e resulta da justaposição de todas as práticas históricas de resistência, desde seus aspectos político-organizacionais até à autonomia dos processos produtivos. Trata-se, pois, de um modo de organização social particularizada e de atos autônomos que recusam – e contestam – a subordinação e a submissão forçada a terceiros, com base em uma identidade étnica comum.

Apoiado nesse amadurecimento de leitura, filtramos o entendimento do território de Alcântara através do conceito de Paisagem Cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, que vem sendo utilizado na análise de lugares frutos da interação profunda entre homem e natureza e cuja obra resultante apresenta, do ponto de vista histórico, estético ou antropológico, valores excepcionais que "ilustram a evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, condicionados às limitações e/ou oportunidades físicas que apresenta seu entorno natural." (UNESCO, 2006: 28).

Dessa forma, na tentativa de mostrar um pouco da Paisagem Cultural desse território e os processos culturais dos Quilombos de Alcântara – e na impossibilidade de abranger toda sua diversidade – buscamos representar aqui significativa parte daquilo que a compõe e alimenta o imaterial processo criativo e dinâmico da vida dessas comunidades e que, num dado momento, se materializa em peças únicas e representativas da interação refinada entre homem e meio ambiente.



Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Sou apanhador de desperdícios:
(...)
Porque eu não sou da informática:
Sou da invencionática.
Tudo que não invento é falso.

Manuel de Barros
Coletânea de trechos do livro Memórias Inventadas. A Infância



A dinâmica dos objetos

A formação territorial das comunidades quilombolas do interior envolveu diversos grupos étnicos e categorias sociais, especialmente escravos fugidos, índios desaldeados, ex-escravos e alforriados, num lento processo histórico cujas primeiras referências documentais disponíveis datam do século XVIII. A partir de distintas formas de propriedade e apossamento das terras, se foi sedimentando um conjunto de práticas e técnicas tradicionais de produção de utensílios domésticos, instrumentos de trabalho e objetos decorativos.

Nesse sentido, ao serem encarados como formas expressivas dos padrões culturais de um grupo e elementos de um sistema de comunicação, pode-se afirmar que os objetos selecionados são resultado de um processo histórico que remete ao repertório de tradições identificadas pelos grupos como marcas distintivas, específicas de sua identidade, e que articula as relações entre os indivíduos e o patrimônio cultural a que pertencem.

Confirmando aquilo que a literatura antropológica sugere, averiguamos na pesquisa ralizada para a montagem da exposição que a produção dos objetos presentes na vida cotidiana das comunidades está, ao mesmo tempo, submetida aos contornos e recursos provenientes do meio circundante – em seus aspectos naturais e biológicos – com o qual convive o grupo e subordinada ao "meio social interno", definido pelo que costumamos chamar de cultura: sistemas de símbolos e concepções que definem no tempo e no espaço um grupo étnico específico. Para o processo de fabrico dos objetos aqui reunidos confluem fatores de ordem pragmática (recursos naturais disponíveis, exploração do ambiente e adaptação ecológica e a utilidade dos objetos) e elementos simbólicos, associados a padrões estéticos e ao universo valorativo dos grupos. Tais fatores, ingredientes da composição das peças, ferramentas e ornamentos gravitam em torno de um repertório de conhecimentos muito precisos, compartilhados pelos membros da cada comunidade, e adquiridos através da observação sistemática, experimentação e escrutínio do ambiente natural ao longo das várias gerações que os precederam.



Daí a importância dada, no decorrer da aplicação dos questionários e da coleta do material etnográfico, tanto às condições ambientais e sociais envolvidas na produção dos objetos (matéria-prima, organização do trabalho para sua execução, aprendizado das técnicas e processos de transmissão desse saber dentro do grupo) quanto aos comentários, critérios de classificação e categorias interpretativas emitidas pelos entrevistados a respeito dos artefatos dessa exposição, no intuito de coligir elementos e informações importantes para o conhecimento do perfil societário e da trajetória histórica das comunidades visitadas.

Por fim, esperamos que essa exposição possa contribuir para as recentes discussões em torno do conceito de "Paisagem Cultural", cuja abordagem requer, sem dúvida, o consórcio de várias áreas de estudo e pesquisa, no esforço de deslindar os efeitos das constrições ambientais sobre os grupos ou sociedades e, inversamente, as modificações infligidas pelos homens ao meio natural.













Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra propícia estação
E fecundar o chão, e fecundar o chão...

Milton Nascimento e Chico Buarque
Trecho da música O cio da terra



Eu fui aparelhado pra gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior que o mundo.

Manuel de Barros
Trecho de O apanhador de desperdícios



"A gente tem que traçar bem o barro, molha, faz a massa e fica pisando. Enquanto tiver caroço no barro, a gente vai pisando bem pisadinho e misturando para não ter falha no adobe. Aí sente a liga do barro no pé e pegando com a mão. Pra fazer adobe tem é que conhecer a terra boa, senão..."

Edílson Alves de Carvalho,
lavrador e conhecedor da técnica milenar do adobe.





Filho... Sai da terra e ganha o mar...
O mar é de Deus... É de todos,
Não tem dono, o que tu pega é seu.

Mestres dos barcos do Maranhão: Poemas-vida.
Trecho do livro Embarcações de Sentimento, de Edgar Rocha.

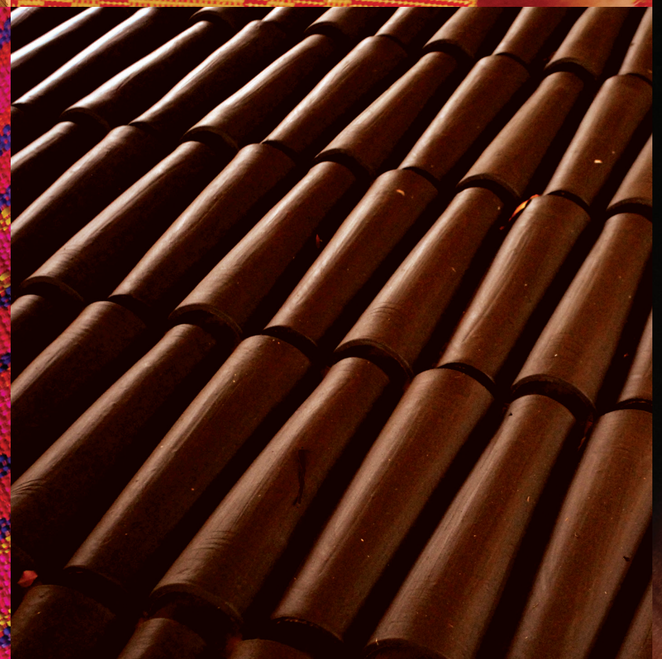












Se estiver menstruada não participa do trabalho de fazer o azeite. Tem resguardo para a pessoa que soca o carrapato quente e que mexe (torra no forno a lenha de mexer farinha), não pode tomar banho, mexe pela manhã e só toma banho à tardinha. Colhe na roça e coloca no sol de verão por seis dias, bate com o pau de duas a três vezes para tirar os talos, depois separa o caroço da casca (ventijar) na bacia de alumínio, o que não abre a gente bate até abrir. Aproveita tudo, até a casca faz fumaça para espantar morcego.

Maria de Fátima Ferreira

Lavradora e faz azeite de mamona e de coco babaçu









Antes muitas mulheres faziam renda, a partir de seis a sete anos, ainda crianças, começavam a fazer. Aprendi com minha vó, que aprendeu com a mãe dela, desde criança. Minha mãe me criou fazendo renda.

Joralda Ramos Ribeiro, artesã

Galeria dos Artesãos



Cada peça aqui apresentada, além de valores e sentimentos, carrega consigo a história de cada um dos artesãos por elas responsáveis, os quais, com generosidade, confiança e acreditando na proposta desta mostra nos receberam em suas casas para a realização das entrevistas que subsidiaram seu conteúdo.

No intuito de apresentá-los, reunimos aqui os 33 entrevistados, contatados ao longo dos meses em que esta exposição foi forjada. A eles fica o nosso agradecimento, bem como a todos aqueles que mobilizaram esforços e colaboraram para a sua realização.

Por fim, além de uma introdução ao universo da cultura material quilombola, essa exposição pretende divulgar o encanto de cada objeto aqui apresentado e, contando com o apoio e intermédio do Sebrae/MA, franquear o contato de novos públicos com os produtos da região, incrementando a dinâmica de suas cadeias produtivas.

Contatos dos Artesãos:
SEBRAE/MA (Hildenê Maia)
e-mail: hildenem@ma.sebrae.com.br
Telefone: (98) 3133-5923

A presentação dos Artesãos entrevistados

1. Acyara Ribeiro (D. Nini)
Peça: Indumentárias da Imperatriz (Festa do Divino)
Local: Sede

2. Ana Benedita Ferreira (Anica)
Peça: Indumentárias de Caixeira (Festa do Divino)
Local: Sede

3. Antonia Costa
Peça: tipiti, urupema e mençaba
Local: São Raimundo

4. Antonio Carlos Moraes da Silva (Antonio Doceiro)
Peça: Doce de Espécie
Local: Sede

5. Antonio Carlos do Livramento Boaes Tavares (Antonio de Colo)
Peça: Pomba do Divino e entalhes em madeira
Local: Sede

6. Brígido Salgado Ribeiro
Peça: pilão de madeira
Local: Samucangaua

7. Diógenes Ribeiro Filho (Dio)
Peça: Esculturas em Madeira
Local: Sede

8. Edílson Alves de Carvalho
Peças: Adobe e coberturas em Palha de buriti
Local: Santa Maria

9. Edna Boaes Correia
Peça: redes e varandas
Local: Raimundo Sú

10. Emílio Melo
Peça: Farinha
Local: Santana dos Pretos, Ilha do Cajual

11. Gerson Araújo Ribeiro
Peça: Centro de mesa da Festa do Divino
Local: Sede

12. Helena Rita Nunes (Dona Helena)
Peça: Fuxico
Local: Sede

13. Heloisa Inês de Jesus
Peça: Cerâmicas de Itamatatiua
Local: Itamatatiua

14. Hermenegilda Pereira Fernandes (D. Dalva)
Peça: Vestimenta da pomba do Divino Espírito Santo
Local: Sede

15. Iara Ramos Ribeiro Moraes
Peça: Peças em Crochê
Local: Sede

16. Inocêncio Torres (Mestre Bacurau)
Peça: Parelha de Tambor de Crioula
Local: Agrovila de Só Assim

17. Joci Oliveira Alves (Branco)
Peça: Artefatos em fibra de buriti
Local: Santa Maria

18. Joralda Ramos Ribeiro (Dona Joralda)
Peça: Renda, Bordado e Licor
Local: Sede

19. José da Conceição Araújo Ribeiro (Zelão)
Peça: Marcenaria de Restauração
Local: Sede

20. José Ribamar Pereira
Peça: Casa de Taipa
Local: Santana dos Pretos, Ilha do Cajual

21. Josias Ribeiro Filho
Peça: Esculturas em Madeira
Local: Sede

22. Marcos Antonio Pimenta
Peça: Coberturas em Palha de Babaçu
Local: Santana dos Pretos, Ilha do Cajual

23. Maria de Fátima Ferreira
Peça: Óleos de mamona e babaçu
Local: Mamuna

24. Maria do Livramento Ferreira Brito (D.Maria Ferreira)
Peça: Lustres da Festa do Divino Espírito Santo
Local: Sede

25. Maria Jacinta Pereira dos Santos
Peça: Redes de pesca
Local: Ponta D'areia

26. Maurício Zacarias da Silva (Seu Maurício)
Peça: Construção de Barcos
Local: Ponta D'areia

27. Nicácio de Jesus
Peça: Olaria artesanal
Local: Itamatatiua

28. Paulo Bispo Alves Correia
Peça: vinho de juçara e de buriti
Local: São Maurício

29. Raimundo da Guia Moraes
Peça: Couro do Bumba-Boi, zabumba, chapéu de fita
Local: Bom Viver

30. Raimundo Nonato dos Prazeres de Jesus (Capa Pato)
Peça: Miniatura em madeira de barcos
Local: Sede

31. Raul Silva Soares (Seu Raul)
Peça: Caixa do Divino Espírito Santo
Local: Sede

32. Rosangela Costa Soares
Peça: Bandeiras do Divino Espírito Santo
Local: Sede

33. Roseli dos Santos Cerejo Ferreira
Peças: Palha de Tucum e artesanato com fibra de Buriti
Local: Santa Teresa



Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas que comparação. Então trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Manuel de Barros
Trecho do livro Memórias Inventadas. A Infância

Bibliografia



- ALMEIDA, Adroaldo José Silva; BOGÉA, Kátia Santos e BRITO, Stella Soares de. *Museu Casa Histórica de Alcântara*. São Luis: IPHAN/ 3ª SR, 2006.

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os quilombolas de Alcântara e a base de lançamewnto de foguetes*. Volume 1. Brasília: MMA, 2006.

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os quilombolas de Alcântara e a base de lançamewnto de foguetes*. Volume 2. Brasília: MMA, 2006.

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos e CYPRIANO, André. *Quilombolas. Tradições e culturas da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

- ÁVILA, Afonso; GONTIJO, Marcos Machado. MACHADO, Reinaldo Gomes. *Barroco Mineiro. Glossário de arquitetura e ornamentação.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a Infância*. São Paulo: Ed. Planeta, 2003.

- FATHY, Hassan. *Architecture for the poor. An Experiment in Rural Egypt*. Unites States of America: University of Chicago, 1973.

- FLOWER, Peter J. *World Heritage Cultural Pandscapes*. 1992-2002. Unesco World Heritage Centre: Paris, 2003.

- GAYOSO, Raymundo José de Souza. *Compêndio Histórico-político dos Princípios da Lavoura no Maranhão*. Rio de Janeiro: Ed. Livros do Mundo Inteiro, 1970.

- IPHAN. *Levantamento Documental*, Dossiê 1648-2005. Alcântara – Maranhão – Brasil. 3ª Superintendência Regional do Iphan. São Luis, 2005.

- LIMA, Carlos de. *Vida, Paixão e Morte da Cidade de Alcântara – Maranhão*. São Luis: Plano Editorial SECMA-97/98, 1998.

- LOPES, Antônio. *Alcântara: subsídios para a história da cidade*. São Paulo: Siciliano, 2002.

- LOPES, Raimundo. *Uma Região Tropical*. Rio de Janeiro: Ed. Fon-Fon e Seleta, 1970.

- ASSUNÇÃO, Mattias Rohrig. "Quilombos Maranhenses" in REIS, João José e GOMES, Flavio Santos (Orgs.). *História dos Quilombos no Brasil*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.

- PENNA, Maria de Nazaré da Rocha. *Viagem ao Maranhão Fabuloso: Alcântara*. Fortaleza, 2003.

- PFLUEGER, Grete. "De Tapuitapera a Villa D´Alcântara no Maranhão". Dissertação de Mestrado, UFPE, 2002.

- REIS, João José e GOMES, Flavio Santos (Orgs.). *Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo, 1996.

- ROCHA, Edgar. *Embarcações de Sentimento*. Maranhão: Cia Vale do Rio Doce, 2006.

- SILVA F., Olavo Pereira da. *Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Lord S/A, 1988.

- Textos Bascos de la Convención del Patrimônio Mundial de 1972. Reino de Espana y Centro de Patrimônio Mundial de la Unesco. Paris: 2006.

- TROVÃO, José de Ribamar. *Alcântara. Uma visão Sistêmica*. SEBRAE, 1996.

- UNESCO. *Guia de Viaje por el Patrimonio de la Humanidad*. Ed. Planeta de Agostini S.A.: 2003.

- UNESCO, *Revista Patrimônio Mundial*, nº 32. Paris: 2003.

- UNESCO, *Textos Básicos de la Convención del patrimonio Mundial de 1972. Reino de España y centros del patrimonio Mundial de la Unesco*. Paris: 2006.

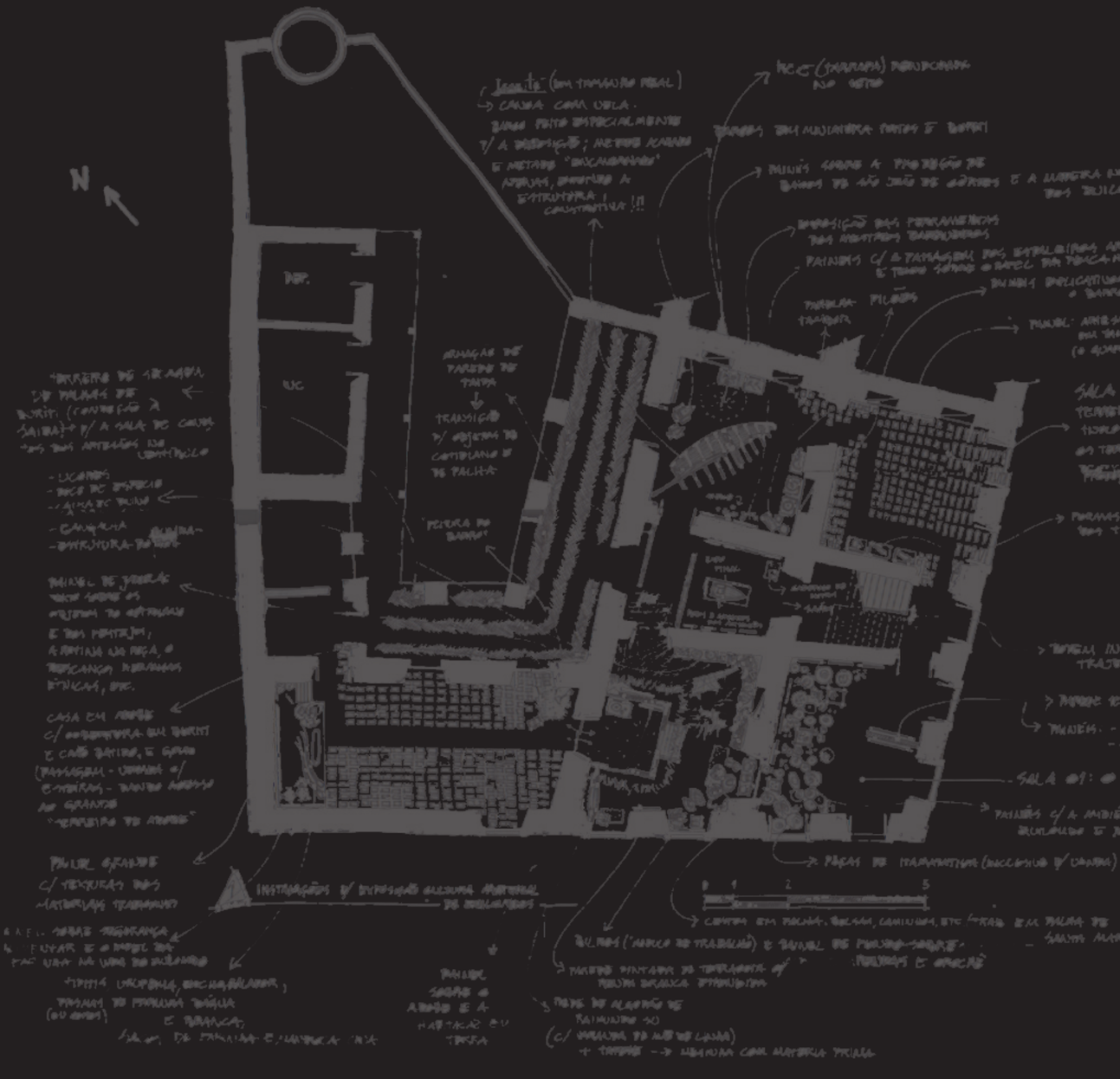
- VIVEIROS, Jerônimo de. *Alcântara no seu passado econômico, social e político*. São Luis: AML/Alumar, 1999.







Ficha Catalográfica:
BARRETO JR., Ivo Matos (Org.). BARRETO JR, Ivo Matos; RAMASSOTE, Rodrigo Martins (textos). *Do barro às vivências. Paisagem Cultural e Cultura Material nos quilombos de Alcântara* (Catálogo da Exposição). São Luís: IPHAN/ 3ª SR, 2007.





apoio:

SEBRAE

Prefeitura de Alcântara
Alcântara levada a sério

realização:

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ministério da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL